



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RICARDO DEMÉTRIO DE SOUZA PETERSEN

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-83

Entrevistado: Ricardo Demétrio de Souza Petersen

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Karine Dalsin

Data da entrevista: 10/11/2004

Transcrição: Caroline Canabarro

Conferência Fidelidade: Caroline Canabarro

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 83/01- A e 83/01-B

Total de gravação: 50 minutos

Páginas Digitadas: 20

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01959/2008/01

Número de registro da fita: 01959/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. *Ricardo Petersen (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início do envolvimento com a Escola; motivação pela educação física; paixão pelo atletismo; período como professor; formação acadêmica; envolvimento com o LAPEX; implantação do mestrado na Escola; período como diretor da Escola; parceria com instituições e empresas; reutilização do LAPEX para pós-graduação, para pesquisa; importância da pesquisa e extensão na Escola; período como aluno: infra-estrutura, relação com colegas, com professores, teste físico; mudanças no espaço físico da ESEF; dificuldades da Escola; criação do “fundão”; transformação dos projetos de extensão; arrecadação financeira da ESEF; perfil dos servidores; fatos pitorescos.

Porto Alegre, 10 de novembro de 2004. Entrevista com Ricardo Demétrio de Souza Petersen, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Gostaria começar te perguntando como é que iniciou teu envolvimento com a ESEF¹?

R.P. - Bom, meu envolvimento com a ESEF começou quando eu era aluno ainda. Eu fui convidado pelo professor Jayme Werner dos Reis, o professor 'peixinho', para participar de um curso que, aliás, ele me indicou para o Doutor De Rose², para participar de um curso de formação de pesquisadores no Rio de Janeiro³, no laboratório do Doutor Maurício Leal Rocha, porque, naquele momento, estava sendo criado o LAPEX⁴. Então o Doutor De Rose precisava de alguns alunos da escola e alguns médicos que participaram da criação do LAPEX. Foi aí que eu comecei o meu envolvimento com a escola. Além de ter sido o monitor da cadeira de ginástica, com o professor Moreira, Coronel Moreira⁵. Então esses foram, além de aluno, os meus dois vínculos mais fortes na escola.

K.D. - E a tua motivação para procurar a ESEF, para procurar a educação física?

R.P. - A minha motivação foram duas. Uma porque eu era atleta, fazia atletismo. Fui atleta do Grêmio Futebol Porto Alegrense⁶ na qualidade de atletismo. Depois treinei também lá no Inter⁷, um pouco na Sogipa⁸. Então, dos meus professores... Além disso tive bons professores de educação física no Julinho⁹, o professor Saul¹⁰ que era professor da ESEF, foi meu professor. Então fiquei muito motivado com a educação física. Além disso, o professor Camargo¹¹ era vizinho de um primo meu, de uma prima que eu visitava muito e

¹ Escola de Educação Física

² Eduardo Henrique De Rose

³ Cidade capital do Estado do Rio de Janeiro

⁴ Laboratório de Pesquisa do Exercício

⁵ João Gomes Moreira Filho

⁶ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

⁷ Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909

⁸ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁹ Escola Estadual Júlio de Castilhos

¹⁰ Nelson Rubens Saul

¹¹ Francisco Camargo Netto

tive conversas com ele sobre educação física e ele também foi uma motivação, para eu procurar educação física. Quando eu fiz vestibular, eu botei - naquela época a gente tinha, não me lembro quantas opções podia ter - mas eu botei educação física em primeira opção e acredito que medicina na segunda opção.

K.D. - E depois de tu ter te formado na ESEF, como foi a entrada como professor?

R.P. - O meu vínculo com a ESEF permaneceu depois de formado. Permaneci no laboratório, eu trabalhava no laboratório, também dava aula no Estado. Dei aula em Camaquã, dei aula em Charquedas, em Guaíba¹². Depois vim para Porto Alegre¹³. Quando eu vim para Porto Alegre me desliguei do Estado, em 77, porque eu assumi como professor na época. Chamavam de professor substituto. Professor substituto de remo, de atletismo e de handebol. Então em 1977, eu fui contratado, aliás, fui assim da nova geração, era o primeiro professor da nova geração. Dos meus... Então a escola [palavra inaudível] os mesmos professores todos. E eu fui um dos primeiros. Fui, talvez, o primeiro professor substituto da ESEF. Bom, eu tive a oportunidade de fazer o mestrado. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul fez um convênio, através do Ministério da Educação, com a Universidade de Iowa¹⁴. Então nós éramos 20 brasileiros que fomos para fazer mestrado. Como nenhum dos professores na época se prontificou a fazer o mestrado, eu era o substituto, conseqüentemente, eu fui o último a ser consultado. Eu aceitei e fui. O professor Guimarães¹⁵ também já era professor substituto naquela época. Também pediu para ir. O professor Fortuna¹⁶ também. Então nós fomos, conseguimos ir os três e tivemos que ser demitidos para poder ir fazer o mestrado, porque o vínculo de professor substituto não nos permitia sair do país [palavra inaudível]. Nós fomos demitidos e fomos sem vínculo nenhum fazer o mestrado, mas com a responsabilidade do prazo da universidade, da UFRGS¹⁷. Posteriormente, nós fomos... Um ano depois nós fomos contratados pela universidade e seguimos lá fazendo o mestrado. Então, meu vínculo com a universidade após a formatura, após formado, se deu através do laboratório de pesquisa, do LAPEX.

¹² Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

¹³ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁴ Localizada em Iowa City, Iowa, EUA

¹⁵ Antonio Carlos Stringhini Guimarães

¹⁶ Newton Fernando Fortuna

K.D. - E incentivo a pós-graduação era uma política do governo?

R.P. - Era uma política do governo e foi especificamente para esse grupo de brasileiros. Foram 20 brasileiros como eu disse, que foram de diferentes estados do país, foram fazer. Eu acredito que desse grupo de 20, aproximadamente treze ou quatorze hoje são doutores, estão em universidades públicas. Praticamente todos a não ser aqueles que aposentaram, deve ter sido o caso de talvez dois, ou duas mulheres que se aposentaram pelo sistema, pela lei antiga. Então se aposentaram bem cedo. Mas acho que foi um saldo bom. Dos vinte, uns quinze fizeram doutorado.

K.D. - Como é que foi o teu doutorado?

R.P. - O doutorado... Bom, eu fui para o mestrado e lá nós fomos para o mestrado, chamado o mestrado sem tese, não precisava fazer, o que nós chamamos aqui de dissertação, eles chamam de tese. E o que nós chamamos de tese eles chamam de dissertação. Então é uma universidade sem tese e aí no percurso do primeiro ano, fim do primeiro ano, nós pedimos para passar. Alguns pediram, dez dos vinte, pediram para passar com o mestrado com tese. Nós achávamos que tínhamos uma formação melhor fazendo uma tese ou uma dissertação. E aí passamos, fomos aprovados, fizemos o mestrado com tese, ou observação, e eu resolvi ficar e fazer o doutorado, terminar ao doutorado. Então eu conversei com a minha orientadora, uma vez que ela foi a Iowa, em uma banca de doutorado, de uma ex-aluna dela e eu conversei com ela e ela me convidou para ir fazer o doutorado. Pedi autorização para a universidade e foi concedido. Então eu decidi fazer o doutorado direto e fiquei lá. Voltei em 1984, agosto ou setembro e fui o primeiro *PhD*¹⁸ da escola, professor de educação física. Primeiro *PhD* da escola em 1984.

K.D. - Posterior a isso, quando chegaste aqui já assumiste disciplinas?

R.P. - Quando eu cheguei na escola, propus a criação da disciplina de desenvolvimento motor e aprendizagem motora, que eram duas áreas que eu tinha trabalhado. Logo em seguida, foram criadas as disciplinas, mas, quer dizer, logo em seguida não. Demorou um

¹⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹⁸ *Philosophiae Doctor*

pouco, mas, logo que eu cheguei, fui dar aula de handebol e de atletismo. Depois as disciplinas foram criadas e eu passei a ministrar essas outras disciplinas. Em tempo eu trabalhei também com metodologia da pesquisa, mas me dediquei mais a aprendizagem motora e ao desenvolvimento motor e hoje eu trabalho também com controle motor. De certa forma, sempre trabalhei com controle motor, mas, maior ênfase hoje em dia, é... [silêncio]. Bom, depois, em seguida que eu cheguei, o professor Cassel¹⁹, que era diretor, pediu que eu mandasse o projeto para o curso de mestrado. Foi criada uma comissão, nós criamos uma comissão. Era o professor Jorge Ribeiro²⁰, o professor Francisco Camargo Neto, a professora Lêneia Gaelzer, esses professores, porque todos nós tínhamos ou nível docência ou doutorado. A professora Lêneia e o professor Camargo tinham nível docência e o professor Jorge Pinto Ribeiro tinha doutorado, eu tinha doutorado também. Bom, e essa comissão funcionou não muito bem. Acabamos implantando o mestrado não mais na gestão do professor Cassel, mas na gestão do professor De Rose, professor Carioca²¹. O Paulo Gilberto que era o diretor, o carioca. Então foi implantado o mestrado. Fui presidente da comissão, conseguimos implantar o mestrado em 1989. Bom, e daí, eu acho que isso foi um marco importante pra escola. Porque nós passamos a fazer parte da pós-graduação *stricto sensu* da universidade. Então isso deu um outro... Deu acho que um salto importante para a escola e, a partir daí, vão todas as dificuldades e falta de pessoal que nós tínhamos graduado. Mas isso, o projeto do mestrado e a implantação do mestrado, motivaram muito as pessoas a saírem para fazer o doutorado. Foi aí que começou então a grande saída de número de professores. Para fazer o doutorado no exterior, em 1991 e 1992, nós tínhamos treze professores no exterior ou no Brasil fazendo doutorado e posteriormente, como foi uma... Sendo uma política da ESEF, incentivar as pessoas a...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

R.P. - Nós temos hoje, por exemplo, nós temos aproximadamente oito ou nove professores no exterior. Fazendo ou doutorado ou agora recentemente um voltou, dois voltaram de um pós-doutoramento. Então nós já estamos... Eu primeiro já fiz meu pós doutorado, nós já estamos com pessoal fazendo pós-doutorado hoje e, em um espaço de tempo, diríamos de quatorze anos.

¹⁹ Mário César Cassel

²⁰ Jorge Pinto Ribeiro

K.D. - Essa motivação para que se criasse o mestrado aqui na ESEF surgiu de quem, ou de que ambiente?

R.P. – Bom, ocorre o seguinte, essa escola tem uma tradição antiga desde de sessenta e nove, se não me engano, de cursos de especialização. Além disso, na minha avaliação, o laboratório, o LAPEX, foi sempre um grande motivador. Eu, por exemplo, achava que não poderia mais trabalhar no laboratório se eu não tivesse uma formação para a pesquisa. Então por isso que eu fui fazer também o meu mestrado. E outros professores o Guimarães, por exemplo, o Fortuna que estava envolvido com o laboratório diretamente, outros colegas que estiveram no laboratório participaram da criação. Também fizeram mestrado e doutorado. O caso do professor Adroaldo²², colegas que hoje... O próprio professor De Rose, o Jorge Pinto Ribeiro, esse pessoal todo começou no laboratório. Quer dizer, a gente viajou, conheceu laboratórios na Europa, nos Estados Unidos. Então isso nos deu uma motivação bastante forte para pós-graduação. Bom, nesse que seria pós-graduação, seria formação para trabalhar com pesquisa. Então se ampliou. Houve uma tentativa inicial aqui na escola de implantação do mestrado, não deu certo. E essa foi uma segunda tentativa já. Com a idéia assim de ir... Nós já com... Eu com doutorado. Outros colegas...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

R.P. - Já tinham condições de ter um programa de mestrado e isso nos levou a propor esse programa. Quer dizer, eu vejo que foi um crescimento quase que natural da escola. Nós somos uma unidade da universidade, nós temos especialização, bastante experiência com a especialização, mas não basta só isso. Nós temos que partir agora para um pós-graduação *stricto sensu*. A gente então... Vários colegas, inclusive o professor Cassel foi um grande motivador, ele como diretor. Ele criou a comissão, insistiu muito que o projeto saísse logo para a gente aprovar o programa de mestrado. O professor Cassel também tinha começado o seu mestrado na época, um pouco antes em Santa Maria²³. Infelizmente não concluiu o mestrado dele, mas sempre foi um grande incentivador.

K.D. - Petersen, o teu envolvimento com a direção da escola?

²¹ Paulo Gilberto de Oliveira

²² Adroaldo César Araújo Gaia

R.P. - Tu diz como diretor? Importante dizer o seguinte: na primeira eleição, que quando eu fui diretor na primeira gestão, a pessoa que era nosso candidato, que era para ser o diretor e era apoiado por um grande grupo de professores e técnicos, era o professor Cassel. Já havia sido diretor na gestão anterior ao professor De Rose, que era o professor Carioca, depois o professor De Rose. O professor Carioca se aposentou no meio do mandato e o professor De Rose assumiu. Então nós queríamos eleger o professor Cassel. Quando nós estávamos, já debatendo, marcando reuniões para encaminhar a candidatura do professor Cassel - que foi uma coisa muito legal, muito bacana, porque a gente fazia reuniões freqüentes, com grandes grupos de pessoas - o professor Cassel foi convidado para ser pró-reitor da antiga PRUNI²⁴. E aí quem vai então para a direção. Dos novos quem tinha, quem vinha se dedicando bastante para a escola, com a implantação do mestrado, depois com a coordenação do mestrado... Em 1991, o pessoal achou que eu teria condições, pelo meu conhecimento já para a própria universidade, do envolvimento com o mestrado e porque eu também tinha, diria de meio metido, com iniciativas de querer fazer as coisas, como coordenador de mestrado, ir lá na secretaria de esportes, no MEC²⁵ levar o projeto. Conseguíamos dinheiro para comprar o sistema, o kit performance para o laboratório. Ainda não existia o CENESP²⁶. Para comprar o sistema de análises de gases. Então a gente conseguiu um bom recurso lá. Porque não tínhamos a tradição de ir a Brasília²⁷, os nossos diretores. Então a gente ficava muito longe de conseguir recurso. Eu comecei a conseguir esse dinheiro. Até tem um fato engraçado, porque o professor Guimarães voltou do doutorado dele, se não me engano em 1993, eu pedi... O laboratório estava praticamente fechado, não tinha mais equipamentos. Os equipamentos estavam todos já velhos e não funcionavam mais e o professor Guimarães chegou do doutorado cheio de boas intenções. Chamei ele na minha sala, meu amigo ele e disse: “Olha Guimarães, eu gostaria que tu pegasses a direção do LAPEX, porque nós temos que dar uma repensada, uma reforma lá no laboratório”. Ele disse: “Não, não. Eu não vou assumir cargo administrativo, quero fazer pesquisa”. Ele saiu com aquela idéia de quatro anos atrás, que o laboratório ainda estava funcionando. “Que bom. Então tu faz o seguinte, toma a chave e tu vai lá no laboratório e faz pesquisa”. Passou meia hora, ele voltou e disse: “Não,

²³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

²⁴ Pró-Reitoria da Comunidade Universitária

²⁵ Ministério da Educação e Cultura

²⁶ Centro de Excelência do Esporte

²⁷ Cidade Brasileira

não. Eu vou pegar, porque não tem nada lá dentro” e realmente, não tinha mais nada. A primeira coisa que ele fez, foi pegar todos os equipamentos velhos que tinham, que não funcionavam mais. Não sobrou praticamente nada e... Mandar embora. Fizeram uma limpeza, começou com um limpeza de equipamentos e limpeza literal no laboratório. Eu disse para ele: “Olha, eu tenho esse dinheiro aqui”, na época 90 mil reais, se não me engano, mais 36 mil reais, mais esse equipamento que precisamos comprar. Então começamos a reequipar o laboratório. Eu acho que essas coisas nos deram a possibilidade de tocar a diante. Eu fui o candidato de última hora, fui uma alternativa para a escola e acho que a gente fez um bom trabalho. Tivemos um apoio muito grande dos colegas, do grupo. Nossa idéia sempre foi tornar a escola de ponta, uma escola, modelo no Brasil, ser uma das escolas importantes do Brasil. Nós passamos daquela idéia de colegial no terceiro grau, para uma unidade universitária acadêmica. Então, trabalhamos muito junto ao... Quando foi criado o INDESP²⁸, participei da criação, da reunião que foi apresentado o INDESP. Já tinha relações com a secretaria de esportes do MEC e aí encaminhamos projetos. Eu estava sempre lá. Então isso nos deu assim uma certa visibilidade também enquanto unidade acadêmica. A escola começou a ter uma certa, adquirir uma certa respeitabilidade por parte da universidade. Porque nós começamos a ser realmente uma unidade acadêmica. Outra coisa importante que aconteceu durante a minha gestão também, foi a forma de administração que a gente tinha. Eu tentava, fazia parceria com a RENNER²⁹. Ela nos deu dinheiro, pintamos quase toda a escola com o dinheiro, com as tintas da RENNER, com a MERCUR³⁰ que nos dava bolinha de tênis e bolas de borracha. A gente tinha a placa da MERCUR lá na escola de tênis. Eu fazia parceria com o DMLU³¹, eles vinham cortar grama para nós. Abrimos um espaço para eles guardarem, botarem lixo lá no canto. O exército... Eu emprestava a pista para eles e normalmente eles vinham e capinavam a pista, capinavam a escola toda. Então essas parcerias foram nos dando... A escola foi modificando. A gente tinha uma condição melhor de manter as coisas um pouco, aparente, um pouco melhor. E essa forma de administrar, que chamou a atenção de algumas pessoas no INDESP, que eles viram na escola a possibilidade de implantação do projeto deles, que era do centro de excelência. A escola teria uma forma de administrar que o CENESP poderia, após implantar, de alguma forma se manter e ter projetos. Fomos

²⁸ Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto

²⁹ Renner Sayerlack s/a

³⁰ Mercur S/A

³¹ Departamento Municipal de Limpeza Urbana – Prefeitura de Porto Alegre

surpreendidos, numa sexta feira de tarde, não me lembro se em 93 ou 94, com um telefonema do INDESP, perguntando sobre o tamanho que teria que ser o laboratório, e eu perguntei, “mas que laboratório?”. “Pois é professor, não lhe informaram ainda sobre o projeto?”. E eu digo: “Não, eu não sei de projeto”. “Ah, então nós vamos pedir para o diretor aqui do departamento lhe ligar”. O Ricardo Machado³² me ligou, o diretor na época, o Pelé³³ que era o ministro extraordinário do esporte. Aí o Ricardo me ligou e eu disse: “Olha Ricardo, nós estamos com um projeto assim, assim, assim. Acho que o pessoal aqui... Houve um problema de comunicação. A gente se atrapalhou, mas a verdade é o seguinte: nós precisávamos saber, até as seis da tarde dia de amanhã, na sexta de manhã até as seis da tarde, quanto vai custar o prédio do laboratório. Até as seis da tarde”. Chamamos o professor Guimarães, o professor, não me lembro. Era o Guimarães... Alguém tinha visitado já algum laboratório, eu não me lembro quem era na época, tinha mais o professor Adroaldo. Chamei dois arquitetos e um engenheiro da universidade. Sentamos aqui e fizemos um desenho à mão. Calculamos, mais ou menos, como seria o laboratório e a nossa filosofia é que o laboratório fosse um laboratório só, setores e não vários laboratórios. Tanto é que nós tínhamos um valor de um milhão e meio que custaria o laboratório. Então eu liguei assustado: “Olha, é um milhão e meio. Não estou acostumado com essas cifras”. “Não! Está tudo bem, então, vamos encaminhar”. Na segunda-feira, me deram outro telefonema perguntando quanto custaria os equipamentos, também pega o telefone, liga para os Estados Unidos, liga para Alemanha, liga para cá, liga para lá para saber. Liga para colegas no Brasil que tinham algum equipamento, outro equipamento. Onde tinham comprado, onde tinha que buscar. Bom, vai sair 800 mil de equipamentos. No final somando, seriam 2 milhões e 300. No final, não saiu todo esse dinheiro. Saiu 1 milhão e pouco, mas construímos o prédio. A universidade botou dinheiro dentro do prédio, complementou. Os equipamentos a gente comprou praticamente tudo o que precisávamos. Então isso foi uma coisa muito importante para a pós-graduação aqui da escola. O laboratório deu condições de desenvolver muita pesquisa. Nós nos animamos a tentar implantar o doutorado. O Doutorado foi implantado também, pois a gente via que teria um grande laboratório a disposição. Então implantamos o doutorado. Eu não estava aí durante a implantação do doutorado. Deixei um pré-projeto pronto para o doutorado em função da experiência que eu tive na implantação do mestrado. O pessoal trabalhou e o

³² Ricardo Machado Leite de Barros

³³ Edson Arantes do Nascimento

coordenador era o professor Molina³⁴. Ele fez um bom trabalho na implantação do mestrado e do doutorado e nós estamos aí com esse doutorado, programa de pós-graduação, na verdade. Mais um programa.

K.D. - O LAPEX então, ele pode ser visto como um ponto importante da pós-graduação da ESEF?

R.P. - É. Ele foi um motivador, porque o que nós fazíamos na escola antes? Nós fazíamos... A escola fazia graduação. Era basicamente graduação e, em 69 por aí, se não me engano, foi um dos primeiros cursos de especialização, mas eram cursos técnicos para esporte, para o vôlei, para o basquete. Era um curso de especialização técnico. Me parece que teve algum curso de especialização. Teve de recreação, teve também para massagistas parece. Alguma coisa assim nesse sentido, eu não sei. É, a minha época anterior a 71, quando entrei na escola. Mas esse, vamos dizer assim, essa ênfase para a pesquisa, isso foi com o LAPEX. Isso nós temos que agradecer a visão do doutor De Rose que implantou o laboratório. Nós como alunos, nós ajudamos a implantar, nós arrancamos os pneus que tinha na sala de judô que era ali no laboratório, onde hoje é... Em cima da sala de aula ali. Eu me lembro que nós saímos preto dali para arrancar aqueles pneus que serviam de amortecedor pro tatame, no dojô. E então a gente participou efetivamente da implantação. Fomos fazer aquele recurso lá do laboratório do doutor Maurício Leal Rocha, que na época era o melhor laboratório do país. Empolgamos e gradativamente fomos avançando daquele lado onde é a sala do professor Mário³⁵, a sala de aula, em direção onde é a secretaria do CEME³⁶. O laboratório acabou ocupando toda aquela área, que era o palco do ginásio. Foi fechando. Então, eu acredito que sim, o laboratório foi um grande fator de motivação para a pós-graduação.

K.D. - E para a graduação, vês alguns fatores que tem influenciado nas mudanças de currículo? O curso, como era na tua época como aluno e como é hoje?

R.P. - Eu acho que sim. Acho que tudo é uma coisa só. Isso vem vindo junto. A graduação ela não... Hoje eu... Inclusive outro dia conversando com o pró-reitor de extensão anterior

³⁴ Vicente Molina Neto

³⁵ Mario Roberto Generosi Brauner

ao professor Guimarães e agora o professor Guimarães, eu vejo que um dia nós não vamos ter mais graduação em extensão ou em pesquisa, vai ser uma coisa só. Vai ser... Eu acho que a extensão tem um valor imenso para a universidade, porque é onde o aluno tem a oportunidade de fazer a sua prática real. E a pesquisa é uma coisa que tem que estar associada a extensão e a graduação. Então essa passagem, digo assim, eu falo mais não no sentido de diminuir, porque era a realidade da época, de um colegião de terceiro grau, porque era só formação mesmo de professores. E nós não éramos tidos como... Muito aceitos pela universidade. Nós conquistamos isso as duras penas. Mas eu acho que a graduação teve um avanço muito grande a medida em que a pesquisa se desenvolveu na escola. Isso começou lá em 1971, 1972 e as coisas começaram a mudar com a capacitação dos professores, a nível de mestrado e doutorado, também influenciou demais na graduação e bom o desenvolvimento do laboratório do LAPEX. Acho que foi importante também. Isso nos deu, vamos dizer assim, deu para a nossa escola uma forte influência da área biológica, porque nós tínhamos... É só olhar em história da educação física de onde vem. Mas, os médicos tiveram uma forte influência na educação física. Mas o laboratório gradativamente foi sendo assumido por professores de educação física e hoje ele é, totalmente, eu diria assim, é coordenado e quem faz pesquisa lá dentro são os professores de educação física. Mas nós tivemos a preocupação sempre de tentar desenvolver a área das humanas. Quando foi implantado o mestrado a gente convidou o professor Mosqueira³⁷, convidou o professor Santinho³⁸. Porque nós tínhamos uma área biológica, uma tradição e para a própria formação. Os primeiros que voltaram com mestrado e doutorado foram na área biológica e nós tínhamos que... Então uma preocupação que eu tive principalmente como coordenador do mestrado, depois como diretor da escola, foi tentar reforçar essas áreas e hoje eu acho que as coisas estão mais ou menos entrando num equilíbrio.

K.D. - A mudança no perfil curricular, no caráter, para que a educação física se volta, os interesses...

[FINAL DA FITA 83/01-A]

³⁶ Centro de Memória do Esporte

³⁷ Carl Mosqueira

R.P. - Era mais uma formação para o esporte, para a atividade física.

K.D. - Para a licenciatura?

R.P. - É, para a licenciatura, era mais voltada para escola. Mas também para o esporte. Eu, por exemplo. Os meus colegas que se formaram comigo, eu acho que 95% foram trabalhar com esporte na escola. Então o handebol era forte naquela época. Muitos de nós fomos trabalhar com o handebol.

K.D. - E pensando nisso hoje, talvez se isso viesse?

R.P. - É, eu acho que nós, por um tempo, criamos as costas do esporte. Acho que o esporte é um elemento, uma forma de formar as pessoas muito importante, se bem utilizada. Hoje a Escola está dando mais importância para o esporte do que já deu a algum tempo atrás. Quer dizer, antes dessa, nós, em função, eu vejo assim, da capacitação do pessoal a nível de doutorado. Foram criadas novas disciplinas, que o esporte foi meio deixado para aqueles que já vinham trabalhando com o esporte, mas sem uma ênfase para o esporte. Eu acho que o esporte é uma ênfase. Eu acho que agora incluindo na proposta do nosso bacharelado, o esporte e a atividade física, o lazer e a recreação, são três áreas que nós devemos ter competência para trabalhar, são espaços importantes e das suas mais variadas, vamos dizer assim, facetas. Eu acho que todo o tipo de esporte tem uma contribuição muito grande a dar, se, obviamente, utilizado como um meio adequado para as pessoas.

K.D. - Em relação quando tu eras aluno da escola, pode contar um pouquinho do cotidiano, de aulas, da relação com os colegas?

R.P. - Aquela época de quando eu era aluno, nós tínhamos o curso seriado. Eu estudava a tarde, era da turma da tarde. Tinha a turma da manhã. Nós éramos um grupo muito unido, tínhamos a turma masculina e a turma feminina. Eram bem separadas, mas isso não impedia que a turma fosse muito unida. A gente ia a competições, participava do Jugefs³⁹, mesmo aqueles que não competiam iam junto para torcer, nós fazíamos bastante festas.

³⁸ Santinho Ferreira de Souza

³⁹ Jogos Universitários Gaúchos de educação Física

Gostávamos de fazer festa, a turma era muito divertida. Me parece que as aulas, o pessoal era mais descontraído exatamente por essa amizade que a gente tinha que depois foi, vamos dizer assim, esse tipo de relação ficou prejudicada em relação a implantação do curso por disciplinas. Então descaracteriza um pouco aquela turma. Nós tínhamos essa turma, uma boa relação com os professores. Me parece que naquela época nós éramos mais alegres, mais, vamos dizer assim, era mais descontraída a escola, apesar de nós termos vários professores que eram militares, que tenham sido militares. O nosso diretor por duas vezes, foi um coronel, mas eu acho que a turma era mais, vamos dizer assim, talvez a gente fosse um pouco mais descontraído mesmo, havia mais brincadeiras, um relacionamento muito bom entre as pessoas. Hoje pelo próprio tipo de vida que a gente leva, somos um pouco mais individualista. Mas, naquela época, eu vejo que a escola era mais alegre. Isso é uma visão que eu tenho, isso não quer dizer que nós não nos empenhávamos, que nós não levávamos a sério as aulas. A gente era muito, vamos dizer assim, era um sistema bastante rígido. Nós tínhamos a campainha que tocava na hora da aula, tinha que ir para a aula, nós tínhamos... As primeiras três aulas da manhã eram aulas teóricas e as outras, no resto da manhã, eram práticas, ou da tarde. Mesmo esquema de amanhã: início da manhã teórica e fim da manhã práticas. Início da tarde teóricas e fim da tarde práticas. Então a gente terminava as aulas, todo mundo tomava banho e ia embora para a casa. Nós usávamos o vestiário. Hoje em dia o pessoal usa muito pouco o vestiário, ou seja, nós vivíamos mais aqui dentro da Escola. Também naquela época era mais fácil de conseguir contratos com o Estado, havia uma carência muito grande de professores. Então muitos de nós começamos a trabalhar já como professores de escola, segundo ano de escola. Eu, por exemplo, comecei a trabalhar em 1972 em Camaquã, outros colegas começaram por Porto Alegre, outros em Viamão⁴⁰, Guaíba, todas essas cidades aqui dos arredores onde a gente tinha possibilidade de um contato. Então, era, vamos dizer assim, mais tranquilo naquela época. As oportunidades eram maiores, mas era outra época.

K.D. - Tu sabe me dizer de algumas atividades do diretório acadêmico, por exemplo?

R.P. - Naquela época a gente tinha o diretório acadêmico. A gente tinha atividades de festa. Isso era importante, mas nós não tínhamos uma participação muito grande assim, política. Até porque a Escola, em termos de universidade, era meio afastada, não era assim uma

⁴⁰ Cidade do estado do Rio Grande do Sul

unidade dentro da universidade, forte. Nós fomos para a universidade em 1969. Então estávamos recém... Somos talvez... Nós fomos a segunda turma que entrou para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, antes a Escola era estadual. Nós não tínhamos aquela - até porque éramos um campus isolado também - nós não tínhamos aquela participação política na universidade. O regime da época, o regime da ditadura. Não se podia falar muito. Alguns colegas nossos foram presos ou pelo menos foram levados algumas vezes para o DOPS⁴¹. Mas, aqueles que falavam um pouco mais... Às vezes, nós tínhamos aqui dentro pessoal, colegas nossos, que eram informantes do regime. E eventualmente um colega dizia alguma coisa, se manifestava contra e logo a polícia ficava sabendo, e vinha aqui, levava e interrogava. Enfim. Tivemos colegas que foram presos, mas nenhum ficou preso por muito tempo. Tínhamos um colega que depois foi vereador e eu acho que depois suplente de deputado, o professor Paulo⁴² - não vou falar aqui o sobrenome dele - mas o Paulo subia em cima da mesa ali do bar dos italianos e fazia um discurso imitando o Hitler⁴³. Ele simplesmente não falava alemão. Ele dizia, imitava um alemão falando sem saber o que ele estava dizendo, mas ele fazia. Ele imitava o Hitler discursando, que para nós era gozação, brincadeira, mas isso em alguns momentos complicou a vida dele. E hoje ele é um político. Mas, eu não sei, nós éramos muito ingênuos naquela época, nós éramos muito alienados, porque nós não fazíamos parte da política da universidade. Então, como eu te disse, a gente era muito feliz, muito alegre, mas talvez ingênuo também em relação ao que estava acontecendo. A gente sabia, falava, discutia, mas nunca tivemos algo mais organizado de diretório, de protesto. Ficava mais a nível aqui nosso, interno e não saía muito daqui.

K.D. - O bar que tu te refere...

R.P. - Aqueles italianos da esquina.

K.D. - Era como um desses...

R.P. - Era onde a gente ia tomar cerveja, fazer bagunça antes de ir para uma festa ou quando terminavam as aulas.

⁴¹ Departamento de Ordem Política e Social

⁴² Nome sujeito a confirmação

K.D. - Petersen, em relação ao espaço físico da ESEF, nas diferentes fases que tu vivenciou a ESEF, como tu vê essa interação do espaço?

R.P. - Bom, o espaço físico quando eu comecei na Escola, em termos de prédios, nós tínhamos aqui esse prédio administrativo e o ginásio, era basicamente isso. E tinha um coleginho aqui atrás que nós, posteriormente, fomos tomamos conta. O Brisolinha, que chamavam na época. Um colégio de madeira que hoje não existe mais, mas a Escola funcionava aqui. Nós tínhamos as salas de aulas aqui em cima, tinha a sala de rítmica e sempre existiu aquela sala de rítmica, tínhamos a biblioteca aqui em cima. A parte administrativa, os vestiários na ponta desse prédio, os dois vestiários, a parte administrativa, o departamento, basicamente tinha um departamento. Nós não tínhamos comissão de pesquisa, não tínhamos comissão de extensão, departamentos. Dois departamentos de ginástica e recreação e o departamento de esportes. Então nós vivíamos aqui nesse meio. Em 1973 começaram a construir a pista. Então nós tínhamos a melhor pista do país. Em seguida construíram a piscina, começaram também a construir a piscina. Depois nós ocupamos parte desse coleginho, que ele também estava... Uma parte foi demolida. Outra parte ficou ali. Nós tivemos um pouco de... Demos aula ali. Eu já não era mais aluno. Na gestão do professor Cassel, isso já em 1984, foram construídas as salas de aula e a biblioteca. Isso deu... Para a escola foi importante porque nós podemos daí tirar a biblioteca aqui de cima e as salas de aula foram lá para baixo. Então abriu esse espaço nas rítmicas. E continuou a biblioteca aqui em cima. Quando ficou pronta a biblioteca, ela foi lá para baixo. Depois o professor Paulo Gilberto, 'Carioca', conseguiu construir aqueles três módulos, onde tem o bar, a musculação e o vestiário. E quando eu assumi em 1992, nós conseguimos construir o ginásio 2, ou pelo menos parcialmente. Começou uma época de reformas. A gente reformou aqui esse prédio administrativo, tiramos os vestiários desse prédio administrativo. Implantamos a pós-graduação, que foi ali para cima, parte do meio do centro administrativo. Aquele ginásio 2 estava só o esqueleto de concreto. Eu pedi para fazer uma variação, se dava para complementar. Deu para complementar. Consegui algum dinheiro junto ao Ministério do Esporte. A gente construiu... Eu construí o piso, as paredes, o telhado e, na gestão do professor Guimarães, ele terminou o ginásio, e durante a minha gestão nós conseguimos o recurso para construir o laboratório. Começamos a construir o laboratório que foi terminado na gestão do professor Guimarães. Então, basicamente,

⁴³ Adolf Hitler, ditador Alemão

foram essas, assim, a evolução. Foi essa evolução, mas hoje eu vejo que a Escola... Chegou um ponto que ela tem que planejar os próximos vinte anos, e aí nós vemos que nós temos pouco espaço físico. E que precisamos agora construir espaços físicos e principalmente vertical para parar de ocupar horizontalmente a área. Nós vamos perder essa área daqui um pouquinho só com prédios. Não vamos ter mais área verde. Nós temos que trabalhar em cima nessa direção, quer dizer, a Escola chegou a um ponto que todos os espaços estão ocupados e que para nós crescermos daqui para frente, nós vamos ter que crescer no espaço físico.

K.D. - Tem alguma dificuldade que a escola tenha passado? Qual foi a maior dificuldade, ou algumas dificuldades encontradas no cotidiano que afetaram muito o desenvolvimento da escola, que seja importante para ser registrado?

R.P. - Bom, eu acho que não. Eu acho que a universidade como um todo tem as dificuldades, imensas dificuldades financeiras, mas eu acho que pela forma de administração que nós implantamos... Lá em 91, quando a gente discutia o projeto da Escola, nós decidimos por um... Esse sistema de fundo único, chamado fundão, conta única da Escola. Isso nos deu uma certa capacidade de avançar, mas eu diria assim, do ponto de vista financeiro, a Escola sempre foi... Entra lá na partilha com universidade, é sempre pouco e as dificuldades são sempre. Agora não tem nada que tenha sido traumático. Nada que a gente não esperasse. O dia-dia da Escola é o mesmo, a gente vai tocando toda a dificuldade, reclamando sempre quando falta recurso, mas eu acho que a Escola poderia ter crescido mais rapidamente, desenvolvido. Poderia talvez... Mas eu acho que todo esse processo não depende de um diretor, de uma direção. Depende de todos, da formação dos professores, da disponibilidade dos professores, da capacitação dos técnicos, da disponibilidade dos técnicos. Enfim, um processo que ainda o ritmo é ditado, vamos dizer assim, por todos. E não por uma ou duas pessoas.

K.D. - O financiamento da escola passa muito pela Extensão ou não?

R.P. - É. Esse foi uma, com base no depoimento de diretores que nos antecederam, é que nós não tínhamos recursos. A Escola... Bastava olhar o estado que a Escola estava em 80, 91. A grama estava na cintura, o piso do ginásio estava todo tomado, estava podre, os

carpetes das salas estavam todos rasgados, as cadeiras rasgadas, o laboratório estava fechado. Praticamente as paredes sujas. Quer dizer, a Escola estava num estado deplorável, diria que, estava muito mal. Não havia perspectiva nenhuma de melhorar a situação financeira da Escola. Uma coisa importante que aconteceu foi a implantação em 1991, em 1992 quando eu assumi a sub-prefeitura, aí nós tivemos... Porque antes era assim, queimava a lâmpada na escola, tinha que mandar pedir para a universidade e aí tu entrava na fila. A hora que dava para eles mandavam alguém para cá. Demorava às vezes um mês, dois meses, três meses, para vir alguém trocar as lâmpadas. Trazia as lâmpadas e trocava. Com a sub-prefeitura, essa coisa ficou mais ágil, mas a gente continuava com problema financeiro. Então, com a implantação do fundão, todo o recurso... Foi definido que todo o recurso arrecadado iria para uma conta única. Isso foi um aspecto positivo. Isso começou já na gestão do professor Cassel quando ele me pediu, logo que eu voltei do doutorado, para coordenar as especializações, para criar uma secretaria de especialização e trazer todos os cursos. E todos os cursos teriam que... Foi difícil. Nem todos os cursos quiseram participar do fundão. Mas a gente conseguiu alguma coisa. Aquilo já serviu de modelo, para depois, para a minha gestão, quando eu assumi, nós definimos que seria todo mundo, se não o diretor não assinaria. Um tinha um curso lá na piscina, outro tinha um curso aqui, ninguém prestava conta para o diretor. A Escola não via esse dinheiro. Então era diretor com o PIS⁴⁴ na mão pedindo sempre para um, para outro. Decidimos que nós íamos dar um basta nisso. Todo o recurso arrecadado na escola iria para uma conta única. Aí as pessoas... Os projetos da piscina, a professora Helena⁴⁵ transformou em extensão, pagos. E aí nós começamos esse processo. Isso nos deu, por um bom tempo, um fôlego. Hoje em dia eu te diria que nós estamos, chegamos a um limite e não temos... Estamos com pouquíssima capacidade de aumentar essas arrecadações, mas infelizmente é disso que a Escola se vale para ter algum diferencial em relação às outras unidades. Mas, é isso que nós estamos conseguindo fazer. Hoje eu te diria que a universidade nos passou, dos doze duodécimos que tem que passar, passou seis, ou seja, fazem quatro meses que nós não temos dinheiro da universidade. Ou então vem alguma coisinha pingada ali. Então, o que nos dá a condição de sobreviver, é o recurso arrecadado. Eu entendo que não deveria ser isso o principal, mas hoje e, há um bom tempo, é o principal.

⁴⁴ Programa de Integração Social

⁴⁵ Helena Alves D'Azevedo

K.D. - Não só na questão financeira, mas a ESEF em relação a outros cursos da UFRGS⁴⁶, ela tem, oferece muita pesquisa e muita extensão para os alunos da graduação. Tu vê o início desse processo, ou quando tu estudaste já era assim?

R.P. - Não, quando eu estudei, não tinha isso. O que nós tínhamos era monitoria. Essa era a oferta para os alunos e, como eu disse, havia muita possibilidade de emprego. Então nós éramos contratados pelo Estado quando estudantes, enquanto estudantes. Nós já éramos professores do Estado e não tínhamos nos formado. Mas não tínhamos, não. Com o laboratório é que uns cinco alunos da Escola, era o Guimarães, eu, o Adroaldo, o Hélio Becker, agora não lembro o nome dele. Foram cinco ou seis alunos convidados para trabalhar no laboratório e que eram os alunos, vamos dizer assim, que faziam pesquisa e o resto nem entrava no laboratório. Até porque nós não tínhamos também, equipamentos. Não tínhamos gente para orientá-los, não tínhamos. Então essa minha angústia pela busca pelo mestrado, foi muito isso. “Bom, se eu quiser continuar no laboratório, se quiser continuar fazendo pesquisa”, porque vinha gente do exterior nos visitar, pesquisadores. O Dr. De Rose trazia e a gente ficava olhando e eu disse “nós estamos muito longe, estamos certo anos luz de distância desses caras. Então, se não buscarmos uma formação, esquece”. Os caras nos davam o parâmetro, vamos dizer assim: “Vocês não são nada. Vocês são uns curiosos aqui mesmo”. Isso foi uma das coisas que nos motivou a buscar informação. A partir daí, eu vejo que o grande salto na pesquisa se deu a partir de 1994, 1995 por aí. Foi quando a gente implantou o CENESP aqui. Aí tivemos condições de começar esse trabalho de bolsas de iniciação científica, esse trabalho de iniciação científica com estudantes. Nós tínhamos um que outro estudante que participava do laboratório, mas eram muito poucos. Eram dois, três, era pouca gente. O laboratório foi fundamental para isso aí.

K.D. - Petersen, em relação as disciplinas oferecidas, o uniforme, as divisões e turma por sexo, os testes físicos, chegasse a vivenciar?

R.P. - Sim, sim. Eu fiz teste físico para entrar, frequentei cursinho para entrar, os colegas que iam fazer vestibular.

K.D. - E como era esse teste físico?

⁴⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

R.P. - Os testes físicos se modificaram um pouquinho ao longo do tempo. Mas, basicamente, era corrida, arremesso, natação, teste de ritmo. Normalmente alguém tocava no piano e a gente tinha que fazer vários, alguns movimentos. Tinha uma banda que variava e [palavra inaudível] coisas assim. Algumas ridículas. Enfim, era para o pessoal ir olhar, não sei se resolvia alguma coisa, porque nós tínhamos colegas, o Clésio⁴⁷ de atividades motoras, inclusive. Mas tinha muita gente que... A maioria praticava esporte. Então não tinha muita dificuldade, era uma característica, a grande maioria praticava esporte, não tinha muita dificuldade. Os testes não tinham nenhum embasamento científico, era o que os professores na época achavam. Nós tínhamos, era a regra do jogo e tinha que passar. A questão do uniforme eu acho que era legal, identificava os alunos da Escola. A gente andava de... Nós começamos naquela época a andar de abrigo - antes não se andava de abrigo na rua - começamos a andar de abrigo na rua em volta da ESEF, a gente era da UFRGS já, quer dizer, tinha orgulho daquilo. Eu, por exemplo, doe um casaco para o CEME, sempre andava uniformizado. Os professores não deixavam tu entrar em aula se não estivesse com o uniforme, inclusive tu tinha que abaixar a calça do abrigo para mostrar que estava de calção preto, meia branca. Então era um regime bem militar. A gente gostava na época, porque era... A época era aquela. Às vezes a gente até criticava os colegas que andavam sem uniforme, mas uma coisa que não, que, de maneira alguma, nos agredia ter que andar de uniforme, era uma coisa legal. Era bacana mostrar que era aluno da ESEF, que era aluno da UFRGS.

K.D. - E a questão do teste físico, tu sabe me dizer quando saiu, se foi uma reivindicação interna, se foi uma política externa?

R.P. - Não, isso veio de cima para baixo. Eu me lembro que dei cursinho ainda em setenta e, não me lembro exatamente quando é que caiu o teste prático. Caiu e depois voltou e depois, em seguida, caiu de novo. Principalmente, com o vestibular, quando veio o vestibular unificado. Também ficava complicado e o número também de candidatos começou a crescer muito, mas eu não sei exatamente. A verdade é que a gente via que não havia relação ou correlação nenhuma como se vê no teste físico, até porque era passar ou rodar. Mas depois quando foi dada uma ênfase assim, mais acadêmica também para o curso, essas coisas não... Elas foram perdendo importância.

⁴⁷ Clésio José dos Santos Gonçalves

K.D. - Chegaste a vivenciar a divisão por sexo, das turmas, das aulas práticas?

R.P. – Sim. As turmas eram... Nós tínhamos masculino e feminino. E nós tínhamos... As aulas teóricas eram juntas e as aulas práticas separadas. Ginástica era separada, a natação era separada. Não só os esportes coletivos, mas os individuais também eram separados.

K.D. - Mas todas as disciplinas que eram oferecidas para os meninos, eram oferecidas para as gurias?

R.P. - Não, não. E nem todas que eram oferecidas de manhã eram oferecidas de tarde. Por exemplo, de manhã tinha tênis, a tarde nunca foi oferecido tênis, era oferecido boxe. E aí eu fiz Boxe. As meninas obviamente não faziam Boxe, não faziam futebol. Acho que basicamente eram essas.

K.D. - Em relação ao perfil dos servidores da Escola?

R.P. - Os servidores da Escola naquela época de aluno... Não tínhamos computadores, nós tínhamos máquina de escrever, tínhamos... As coisas tinham um outro ritmo. Os servidores eram gente, já quando eu entrei na Escola, gente antiga da universidade. Nós tínhamos poucas pessoas. Acho que tínhamos um departamento, tínhamos umas duas pessoas. Uma, duas pessoas em cada departamento, secretária da direção, secretário, não tinha muita gente que eu me lembro. Tinha um no vestiário masculino, um no vestiário feminino, um que limpava o ginásio, uma ou duas pessoas limpavam aqui esse prédio. Era mais ou menos isso. Era pouca gente, 18 servidores talvez, mas era aquele ritmo. Lento, ritmo de serviço público mesmo, as pessoas davam conta.

K.D. - Bom, alguma história que tu lembre ter vivenciado na Escola, um fato pitoresco?

R.P. - Nós temos muitos fatos pitorescos na Escola, coisas muito engraçadas que aconteceram ou em pequenos grupos ou em grandes grupos. Uma vez os alunos da turma anterior a nossa, tiraram a roupa do professor no fundo da Escola. E vieram dizer para o diretor que ele estava louco, que ele tinha se pelado lá no fundo. Turma de formandos. Tinham uma relação boa com o professor, mas uma brincadeira assim. Pois é, não era para

prejudicar o professor. Tinha histórias e tem histórias, algumas que não dão para contar, mas como, por exemplo, a do professor Mário Brauner que era muito moleque. Nenhum professor agüentava ele. Mário Brauner metia a mão com todo mundo. Ele era mais novo da turma, então era bem gurizão. Tem histórias que não dá para [risos]... Algumas que não dá para contar, mas...

[FINAL DO DEPOIMENTO]